

ANAIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST

ANAIS. EST. EDU. BR/CONGRESSO



A BARBÁRIE É A MANIFESTAÇÃO DA PULSÃO DE MORTE?

PULSÃO DE MORTE NA PSICANÁLISE E BARBÁRIE EM MICHEL HENRY

The Barbarism is the manifestation of the death drive?

Death instinct in psychoanalysis and barbarism to Michel Henry.

Maria Aparecida da Silveira Brígido¹

Resumo

Estudar sobre a barbárie no livro do filósofo Michel Henry abriu a possibilidade do diálogo com os conceitos psicanalíticos de pulsão. A barbárie em relação à cultura remete ao sujeito desta cultura sendo este transformado por aquela e a transformando. Questionamentos sobre as ideologias da barbárie e a relação com as ciências, a desconstrução do saber científico que supostamente destrói a subjetividade do cientista e deste na relação com a cultura. Freud descobre o fator propulsor do aparelho psíquico que é a pulsão. Suas investigações abriram-se para questionamentos sobre o mal-estar na cultura resultantes das pulsões agressivas. A hostilidade que existe no ser humano proporciona a necessidade de estabelecimento de limites por parte da cultura para a agressividade decorrente de satisfação pulsional. A pulsão destrutiva se opõe ao processo civilizatório. É a luta entre pulsão de vida e pulsão de morte que desencadeia a evolução da cultura.

Palavras-chave: Cultura – Barbárie - Pulsão de Morte

Abstract

Studying about the barbarism in the book of the philosopher Michel Henry has opened the possibility of dialogue with the psychoanalytic concepts of drive. Barbarism in relation to culture refers to the subject of this culture being transformed by this one and turning. Questions about the ideologies of barbarism and the relationship with the sciences, the deconstruction of scientific knowledge that supposedly destroys the subjectivity of the scientist and this in relation to culture. Freud discovers the propellant factor of the psychic apparatus that is the drive. His investigations were opened for questions about the malaise in culture resulting from aggressive drives. The hostility that exists in humans provides the need to establish limits on the part of the culture due to the aggressiveness of drive satisfaction. The destructive instinct opposes the civilizing process. It is the struggle between the life drive and the death drive that triggers the evolution of culture.

Keywords: Culture - Barbarism - Death Instinct

¹ Psicóloga – Psicanalista; Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra - Portugal; Membro Efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, Porto Alegre - Brasil; Pesquisadora Grupo de Pesquisa Aconselhamento Psicologia Pastoral e Grupo de Pesquisa Fenomenologia da Vida nas Faculdades EST - Brasil; Integrante Grupo de Investigação “O que pode um corpo?” pela Sigmund Freud Associação Psicanalítica - Brasil; Diretora Interior Sociedade de Psicologia Rio Grande do Sul (2011-2013), Brasil. Professora do Contemporâneo - Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Porto Alegre. Brasil.

Considerações Iniciais

Ao investigar sobre a barbárie inicia-se pela compreensão do uso da palavra bárbaro ou bárbara comum em nosso cotidiano. Encontra-se em artigo de Raymundo de Lima (2005)² algumas considerações sobre a origem e o uso da palavra. “Bárbara” é palavra de origem grega e designava, na Antigüidade, as nações não-gregas, consideradas primitivas, incultas, atrasadas e brutais. O termo “barbárie” tem, segundo o dicionário, dois significados distintos, mas ligados: “falta de civilização” e “crueldade de bárbaro”. O autor assinala que a história do século 20 nos obriga a dissociar essas duas acepções e a refletir sobre o conceito – aparentemente contraditório, mas de fato perfeitamente coerente – de “barbárie civilizada”.

Para o autor, nenhum século na história conheceu manifestações de barbárie tão extensas, tão massivas e tão sistemáticas quanto o século XX. Diz ele que se nós nos referimos ao segundo sentido da palavra “bárbaro” – atos cruéis, desumanos, a produção deliberada de sofrimento e a morte deliberada de não-combatentes (em particular, crianças) certamente, a história humana é rica em atos bárbaros, cometidos tanto pelas nações “civilizadas” quanto pelas tribos “selvagens”. A história moderna, depois da conquista das Américas, parece uma sucessão de atos desse gênero: o massacre de indígenas das Américas, o tráfico negreiro, as guerras coloniais. Trata-se de uma barbárie “civilizada”, isto é, conduzida pelos impérios coloniais economicamente mais avançados.

No texto *Barbárie e Modernidade no Século 20* de Michael Löwy³(2009), ele escreve que a palavra ‘barbárie’ originalmente foi empregada pela mentalidade eurocêntrica, que se considerava o exemplo de organização social civilizada. A barbárie, no entanto, é um ato considerado ‘desumano’ porque não respeita os fundamentais valores conquistados no campo da ética, do direito, da ciência, da democracia pluralista e da própria organização social e, portanto se opõe ao humanismo. O termo ‘barbárie’ sofreu uma virada de sentido com as pesquisas antropológicas no século 20, que reconheceram as demais culturas humanas não brancas também dotadas de organização social racional, tinham valores e preceitos morais próprios, portanto, eram civilizadas.

² LIMA, Raymundo de. É ‘barbárie’, ‘genocídio’, ‘holocausto’, ou “massacre”? (60 depois de Auschwitz é preciso fazer mais do que distinguir conceitos). Revista Espaço Acadêmico.

³ LÖWY, Michael. Barbárie e modernidade no século 20.

Michel Henry⁴ (2012) discute sobre sua idéia e convicção em relação aos posicionamentos das ciências frente a determinadas ideologias. Como pesquisadores e cientistas causa desconcerto as afirmações e o encadeamento dos pensamentos do filósofo. Segundo ele, a ideologia da ciência não leva em conta o ser humano como tal. Desta forma o humano não é valorizado enquanto um ser que tem vida. A vida, para Michel Henry é a capacidade de se sentir, ser afetado em si próprio e ser percebido nesta afetação. Esta afetação que o filósofo diz é o “pathos” é interior e exterior, é a capacidade de sentir, ao perceber algo em si e fora de si.

A barbárie, para Michel Henry (2012), ocorre quando a ciência anula o saber e o conhecimento que não é científico, o saber e o conhecimento que remetem ao que o sujeito conhece em si e de si. O autor escreve sobre o progresso selvagem no qual não há vínculos que possam remeter ao que ele chama de vida, pois esta não é a realidade objetiva e cognoscível. Segundo ele, uma descoberta genial que provocaria efeitos de progresso técnico se apresenta hoje com finalidades abstratas, como um estranho destino no qual é produzida prosperidade e também miséria para suprir um desenvolvimento. O autor refere-se a um desenvolvimento econômico resultante da aplicação da ciência que pode ser traduzida por barbárie.

Ao considerar a barbárie e sua relação com a pulsão de morte é na psicanálise que buscamos a compreensão e relação deste fenômeno. Para Freud⁵, a pulsão de morte é uma construção teórica - clínica que ao longo de sua obra foi sendo trabalhada e minuciosamente pensada na relação entre o que é dito, sentido e manifestado. Freud escreveu em 1919 sobre a estética do sentir quando descreveu as elaborações das crianças quanto às histórias contadas pelos adultos, quanto aos contos literários e as estranhezas frente a algumas cenas que são observadas por alguém. O estranhamento que é sentido quando alguém vê algo desconcertante remete a uma experiência vivida psicologicamente e cujo registro está oculto, recalcado em um espaço psíquico não reconhecido pela consciência. É um registro, no inconsciente do sujeito que está a observar que é acionado e por conseqüência,

⁴ HENRY, Michel. *A Barbárie*. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.

⁵ FREUD, S. O Estranho. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1976. Vol. 17, p.237-314.

percebido como estranho a si mesmo. Ao longo de sua obra Freud foi organizando e elaborando o que ele terminaria por descrever como pulsão de vida e pulsão de morte.

Ao escrever em 1920 o artigo Além do princípio de prazer, Freud⁶ apresenta a ideia de que a pulsão de morte se expressa pelo modo da destrutividade direcionada ao mundo externo e a outros. Há uma defusão do componente das pulsões de vida e de morte e neste processo psíquico todas as energias que compõem as pulsões tornam-se autônomas ou independentes e criam caminhos de descarga. O surgimento da vida é a causa da continuação da vida e o esforço na direção da morte. Existem conflito e conciliação frente às duas tendências.

No trabalho sobre o mal-estar dos homens relacionado à cultura, elaborado em 1930, Freud⁷ refletiu que a observação dos atos punitivos em si mesmo é que demonstra a culpa enquanto um sentimento inconsciente. É interessante constatar nestas investigações freudianas quando ele afirma que o sentimento de culpa é uma variedade topográfica da angústia. Desta forma pode-se entender que a angústia sempre está presente em algum espaço psíquico e por trás dos sintomas manifestados. Entende-se que sentimentos, afetos são energias circulantes provindas da separação de ideia pelo processo de recalçamento. A angústia, que é um afeto, circula pelos diferentes espaços psíquicos. Assim Freud destacou “Aqui, talvez, nos possamos alegrar por termos assinalado que, no fundo, o sentimento de culpa nada mais é que a variedade topográfica da ansiedade”. E acrescenta na sequência: “...em fases posteriores, coincide completamente com o *medo do superego*” (Freud, 1930/1974, p.159). A angústia, o temor e atos punitivos quando voltados ao exterior podem ser da ordem da destrutividade quando a ação é programada e executada nos atos de barbárie que se tem constatado.

Michel Henry⁸ (2012) discute sobre sua ideia e convicção em relação aos posicionamentos das ciências frente a determinadas ideologias. Como pesquisadores e cientistas causa desconcerto as afirmações e o encadeamento dos pensamentos do filósofo. Segundo ele, a ideologia da ciência não leva em conta o ser humano como tal. Desta forma o humano não é valorizado enquanto um ser que tem vida. A vida, para Michel Henry é a

⁶FREUD, S. Além do Princípio do Prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1920/1976. Vol. 18, p.17-90.

⁷FREUD, S. O Mal - Estar na Civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1930/1974. Vol. 21, p.81-178.

⁸HENRY, 2012, p 71-94.

capacidade de se sentir, ser afetado em si próprio e ser percebido nesta afetação. Esta afetação que o filósofo diz é o “pathos” é interior e exterior, é a capacidade de sentir, ao perceber algo em si e fora de si.

A barbárie, para Michel Henry (2012), ocorre quando a ciência anula o saber e o conhecimento que não é científico, o saber e o conhecimento que remetem ao que o sujeito conhece em si e de si. O autor escreve sobre o progresso selvagem no qual não há vínculos que possam remeter ao que ele chama de vida, pois esta não é a realidade objetiva e cognoscível. Segundo ele, uma descoberta genial que provocaria efeitos de progresso técnico se apresenta hoje com finalidades abstratas, como um estranho destino no qual é produzida prosperidade e também miséria para suprir um desenvolvimento. O autor refere-se a um desenvolvimento econômico resultante da aplicação da ciência que pode ser traduzida por barbárie.

Ao considerar a barbárie e sua relação com a pulsão de morte é na psicanálise que buscamos a compreensão e relação deste fenômeno. Para Freud⁹, a pulsão de morte é uma construção teórica - clínica que ao longo de sua obra foi sendo trabalhada e minuciosamente pensada na relação entre o que é dito, sentido e manifestado. Freud escreveu em 1919 sobre a estética do sentir quando descreveu as elaborações das crianças quanto às histórias contadas pelos adultos, quanto aos contos literários e as estranhezas frente a algumas cenas que são observadas por alguém. O estranhamento que é sentido quando alguém vê algo desconcertante remete a uma experiência vivida psicologicamente e cujo registro está oculto, recalcado em um espaço psíquico não reconhecido pela consciência. É um registro, no inconsciente do sujeito que está a observar que é acionado e por conseqüência, percebido como estranho a si mesmo. Ao longo de sua obra Freud foi organizando e elaborando o que ele terminaria por descrever como pulsão de vida e pulsão de morte.

Ao escrever em 1920 o artigo Além do princípio de prazer, Freud¹⁰ apresenta a ideia de que a pulsão de morte se expressa pelo modo da destrutividade direcionada ao mundo externo e a outros. Há uma des fusão do componente das pulsões de vida e de morte e neste processo psíquico todas as energias que compõem as pulsões tornam-se autônomas ou

⁹FREUD, S. O Estranho. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1976. Vol. 17, p.237-314.

¹⁰FREUD, S. Além do Princípio do Prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1920/1976. Vol. 18, p.17-90.

independentes e criam caminhos de descarga. O surgimento da vida é a causa da continuação da vida e o esforço na direção da morte. Existem conflito e conciliação frente às duas tendências.

No trabalho sobre o mal-estar dos homens relacionado à cultura, elaborado em 1930, Freud¹¹ refletiu que a observação dos atos punitivos em si mesmo é que demonstra a culpa enquanto um sentimento inconsciente. É interessante constatar nestas investigações freudianas quando ele afirma que o sentimento de culpa é uma variedade topográfica da angústia. Desta forma pode-se entender que a angústia sempre está presente em algum espaço psíquico e por trás dos sintomas manifestados. Entende-se que sentimentos, afetos são energias circulantes provindas da separação de ideia pelo processo de recalçamento. A angústia, que é um afeto, circula pelos diferentes espaços psíquicos. Assim Freud destacou “Aqui, talvez, nos possamos alegrar por termos assinalado que, no fundo, o sentimento de culpa nada mais é que a variedade topográfica da ansiedade”. E acrescenta na sequência: “...em fases posteriores, coincide completamente com o *medo do superego*” (Freud, 1930/1974, p.159). A angústia, o temor e atos punitivos quando voltados ao exterior podem ser da ordem da destrutividade quando a ação é programada e executada nos atos de barbárie que se tem constatado.

A entrevista com uma mulher francesa sobrevivente

Em julho de 2014, assistiu-se a um filme no qual estava o depoimento de uma mulher francesa de 76 anos na ocasião da entrevista. Era um registro de uma vida no ano de 1940, na França, quando ela tinha 18 anos de idade. Ela era uma pianista talentosa e sua casa, na ocasião, fora tomada por oficiais alemães da Gestapo. Por ela ser uma exímia pianista sua vida foi salva e foi permitido continuar viver em sua casa, devendo apresentar-se em concertos junto a grandes músicos de então.

Paralelo a isto ela percorria toda a França de bicicleta e auxiliava os jovens da Resistência Francesa. Uma de suas ações era atravessar o rio em um barco a remo no qual escondia os jovens sob uma lona, e os deixava na outra margem. Neste lugar era uma zona livre, limite entre dois países, há um quilômetro de distância de sua residência.

¹¹ FREUD, S. O Mal - Estar na Civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1930/1974. Vol. 21, p.81-178.

Ao ser descoberta sua ação junto à Resistência Francesa, os oficiais da Gestapo a levaram para o local onde se aplicavam castigos exemplares aos contrários ao regime nazista, e de onde os torturados não saiam com vida. A entrevistada, então revelou que ela foi a única pessoa sobrevivente das torturas infligidas na ocasião, neste local.

Como resultado das torturas infligidas, ela perdeu a capacidade de tocar piano, andar de bicicleta e se locomover com facilidade. As técnicas de torturas utilizadas visavam provocar dor e manter a dor sem cessar decorrente de estímulos sobre os alguns nervos e desconexão de outros. Desta forma, durante toda sua vida sentiu dores intensas por 20h diárias. A barbárie sistemática e neste caso contra uma pessoa, visando o aniquilamento pela dor insana.

Este fragmento é trazido para auxiliar na questão do conhecido e das sensações de estranhamento. A mulher francesa sobrevivente das torturas falou que para resistir às torturas conversava e falava muito com as pessoas, que junto a ela estavam sendo torturadas e também com os torturadores, principalmente o homem que a torturava. Ela ficou sabendo por ele que se tratava de um médico e tinha 26 anos; que a ele foi ensinado as técnicas de causar dores já na época de faculdade. Este era o seu ofício. A mulher ouviu dele que aos oito anos de idade o descobriram por ser um gênio e nesta ocasião o levaram para escolas onde as crianças superdotadas eram direcionadas, no seu caso, para a Medicina.

Ela perguntou a ele, como um médico poderia fazer aquilo que ele fazia ali, que era torturar as pessoas até a morte. Conforme seu relato, ele disse que estava a serviço de proteger seu país, e que estes castigos deveriam ser um exemplo e que matar não seria o bastante para que fosse aprendida a lição. Deveriam ser infligidas as dores, as confusões psíquicas, para que a morte pudesse vir depois de muito sofrimento. Seu objetivo era causar a destruição. A ciência estava sendo utilizada para praticar a barbárie.

A mulher francesa relatou que naquele tempo sabia os riscos que corria ao percorrer a França e ajudar a Resistência usando seus privilégios como pianista. Para ela havia lógica no que fazia apesar dos riscos. E acrescenta, refletindo sobre aqueles tempos, que não encontrava a lógica naquilo que o médico fazia. Dizia que ele era um pouco mais velho que ela e o modo como se referia ao sofrimento das pessoas que torturava, soava sem lógica, sem poder vislumbrar a compreensão daqueles atos.

Pulsão de morte e barbárie

Em 1919, Freud¹² escreve um texto intitulado *Das Unheimliche*. Inicialmente, se refere à estética do sentir, aludindo à relação da percepção do mundo, quer seja de uma cena ou um objeto e o sentir que é acionado no momento. Ao longo deste trabalho ele afirma que é dos efeitos em si de algo vivido e que é acionado causando o sentir estranho.

A relação com as traduções que Freud solicitou aos psicanalistas de seu convívio na época, da palavra usada em alemão, provoca uma quantidade de pensamentos em relação aos aspectos da utilização do idioma para traduzir os fatos e sua relação com o sentimento. Sendo uma questão para os lingüistas não é pertinente neste trabalho desenvolver já que não é este o propósito.

Entretanto, traduzir a palavra *Unheimliche* é falar sobre o desconhecido que é ao mesmo tempo conhecido e por esta razão a sensação de estranhamento. Pode-se pensar que o estranhamento pode ser a questão de não haver lógica, mas no sentir referindo-se ao sujeito que está diante do estranhamento, ou seja, para aquele que sente, parece não haver lógica, não haver razão.

Freud escreveu que havia desenterrado um velho artigo que considerava pertinente publicá-lo. Tratava-se do artigo *Das Unheimliche*, traduzido para o idioma português como O Estranho. Introduziu o assunto dizendo que se tratava de um assunto sobre a estética, a estética do sentir, e adiantava que era relacionado ao assustador. A pergunta que fica implícita no texto é o que causa estranheza no campo onde é observada uma cena ou um fato que se torna amedrontador?

Freud pesquisou sobre a palavra e constata que *heimliche* é uma palavra ambígua pertencendo a dois conjuntos de ideias, ou seja, familiar e agradável e também o que está oculto e fora da vista. É uma palavra que contém ambivalência e coincide com seu oposto que é *Unheimliche* que é estranheza. Estranho é o que está fora, mas deveria estar dentro, oculto.

O tema da estranheza pode passar pela incerteza intelectual, isto é: ver algo e não conseguir decifrar se é fruto da imaginação ou se é decorrente do medo; não conseguir

¹² FREUD, S. O Estranho. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1976. Vol. 17, p.237-314.

discriminar se está ocorrendo a identificação com outra pessoa e se gerou uma dúvida quanto ao próprio eu. Freud assinala que a sensação de desamparo é o sentimento relacionado à sensação de estranheza, do sentir estranho.

Ainda neste artigo, Freud faz uma diferenciação entre o que ocorre na fantasia e na realidade. Enquanto fantasia a percepção não provoca susto e estranheza, mas a realidade pode assustar e provocar estranheza para aquele que observa e percebe.

Quando Freud escreveu *Das Unheimliche*, ainda não havia escrito sobre pulsão de morte e pulsão de vida. O artigo trás os conceitos de repetição e compulsão a repetição que já haviam sido trabalhados, mas que serão posteriormente referidos em outros artigos como relacionados à pulsão de morte. O que aqui se abre para as reflexões é o tema do estranho quando há uma sensação, um sentimento de estranheza frente a uma cena na qual é difícil poder ser compreendida por uma suposta lógica.

O fragmento da entrevista apresentada acima trás no detalhe da fala da mulher francesa, no qual para ela não havia uma lógica no que o seu algoz fazia ou dizia ao explicar sua ação de torturar as pessoas até a morte. Não era possível para aquela mulher compreender aquele homem. O que estava posto na cena onde ela, uma vítima de torturas buscando alguma possibilidade de não enlouquecer, não morrer, suportar a dor, falando com todos, era o enigma da não ligação com a dor do outro. A não ligação daquele médico com o que ocorria com os seres humanos, não o atingia. Ele executava uma tarefa, não havia ligação nenhuma com a dor das pessoas. Por seu relato, ela não vislumbrava nem ao menos uma satisfação pelo sofrimento do outro. E ainda, segundo ela, o médico lhe disse que o que importava era a destruição daqueles que não estavam de acordo com seu país.

Freud escreve sobre o efeito do sentimento, sensação de estranhamento das pessoas ao verem os seres autômatos, os bonecos de cera que são engenhosamente construídos. Bonecos e autômatos não têm vida e causam estranhas sensações aos que os observam. E quando os seres humanos frente aos sentimentos próprios ou dos demais remetem aos estranhos e distantes autômatos e pessoas de cera? Não tem lógica ou o que não existe é a ligação afetiva, a conexão dos laços humanos, mas o mortífero através da destruição. Aí está a pulsão de morte.

Freud¹³ (1930/1974) faz uma distinção entre sentimento de culpa e remorso; enquanto este ocorre frente a um ato agressivo realizado, o outro é resultante da percepção de um impulso mau. Primeiramente, o sentimento de culpa é derivado do medo da autoridade externa, ou seja, ego x autoridade externa. É o derivado da necessidade de amor e do impulso de satisfação pulsional que entram em conflito. A inibição deste conflito gera a inclinação para a agressão. O sentimento de culpa é um impedimento do desenvolvimento da civilização, pois para sermos civilizados perdemos em parte de nossa felicidade em decorrência daquele sentimento. A necessidade de punição que é relatada pelas pessoas decorre do sentimento de culpa.

As frustrações são componentes envolvidos na dinâmica da agressividade quando a satisfação pulsional é frustrada e o sentimento de culpa é elevado. As pulsões agressivas são direcionadas àqueles que interferem na satisfação pulsional, mas esta agressividade é recalcada.

O processo civilizatório, assim como o desenvolvimento dos indivíduos e da vida orgânica em geral tem como característica a luta entre Eros e a destrutividade, a pulsão de morte. A civilização humana e o desenvolvimento dos indivíduos são processos vitais e partilham as características gerais da vida. Inicialmente, a necessidade de amor e o impulso pela satisfação pulsional ao entrarem em conflito psíquico resultam em angústia. A satisfação pulsional deve ser impedida, proibida. O ser humano não deve e nem poderia realizar todos os seus desejos quando eles são fruto de sua tendência natural que é a eliminação do outro humano.

Quando os indivíduos reúnem-se em grupos, comunidades e passam a construir o processo civilizatório, o indivíduo precisa forçosamente abrir mão de suas tendências egoístas. Viver em comunidade leva o indivíduo a outras formas de viver que é a convivência na qual a ética, o recalçamento de suas tendências a satisfazer suas pulsões e desta forma gerando o sentimento de frustração.

O ego dos indivíduos é julgado por seu superego e o próprio ego que transforma suas necessidades de desejos em castigos para si mesmo sob o cuidado vigilante do superego. Neste primeiro momento constitutivo existe o temor da autoridade externa e

¹³FREUD, S. O Mal - Estar na Civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1930/1974. Vol. 21, p.81-178.

secundariamente é que o temos será dentro de si mesmo, sempre ocorrerá que os resíduos deste temor da autoridade externa estarão presentes nos indivíduos.

Considerações finais

Só o homem pode cometer atos de barbárie de acordo com Raymundo de Lima¹⁴ (2005), pois ele é fruto da cisão entre razão e pulsão-instinto, do entendimento e da paixão, a pulsão não educada ou não civilizada suficientemente, pode levar um sujeito ou grupo humano aos desatinos sem volta. Afirma ainda que o grande perigo da barbárie hoje é ter pretensões apocalípticas de destruição da humanidade e do próprio planeta. O autor segue em seu raciocínio declarando que há otimistas que entendem que nossa dimensão *demasiadamente humana* pode *ser educada* e transformada em desejo canalizado em prol da *cultura*, da *linguagem dialógica* e da construção de uma verdadeira *civilização* dotada, sobretudo de *sabedoria*.

A união das pessoas em comunidades poderá ampliar estes aspectos que a psicanálise encontrou nos indivíduos para dimensões maiores e com resultados muito nefastos quando se busca respostas ao porque das guerras, dos genocídios e outras tantas formas manifestas da barbárie.

Na luta entre bem, mal, pulsão de vida e de morte, são os aspectos da destrutividade que se manifestam nos atos de violência e de barbárie. Assim, é da ordem da destrutividade o que se manifesta quando se pesquisa o tema da barbárie. As cenas de violência no social, no trânsito, remetem para as ações em que as pessoas descarregam pelo excesso em si de raivas e ódios acumulados. A barbárie diferencia-se não pela realidade imediata das ações violentas, mas por sua premeditação e laboriosa organização com o fim primeiro e último que é a destrutividade.

Na barbárie como bem escreve Michel Henry¹⁵ (2012), há uma ideologia. Esta é construída, sistematizada e os que a realizam estão convictos de sua importância, de sua necessidade de realização, aplicação e utilização. As pessoas de uma comunidade ou de uma instituição estão ligadas por vínculos libidinais. Os grupos, as comunidades são regidas por leis que regulam suas ações para que a convivência seja possível, desta forma são

¹⁴ LIMA, 2005.

¹⁵ HENRY, 2012, p. 25-48.

regulados os aspectos narcisistas de indivíduos e as ações altruístas são o resultado da regulação através de restrições.

A necessidade dos homens de amparo persiste e ao unirem-se Eros e impulsos agressivos destrutivos, não são dissolvidos. Assim, para algum lugar será direcionada a destrutividade e a violência, a agressividade que junto a Eros compõe a dinâmica dos afetos. Se o ser humano teme o castigo já que não é possível impedir seus sentimentos e desejos, e o castigo tem como origem alguém ou algo com poder externo, a união com a comunidade será justificada para destruir a ideia ou outra coisa que signifique algo ou que possibilite a descarga do potencial de destrutividade.

Quem sabe foi este aspecto que a sobrevivente francesa não alcançou compreender quando se referiu a seu algoz. A necessidade de destruir o que representava uma resistência, uma luta por direitos e respeito à vida e a dignidade. Não era o bastante matar era preciso destruir, e foi com este fim que o médico havia sido treinado. Ele orgulhava-se de poder cumprir sua meta. Havia orgulho em realizar o trabalho que ao longo de anos havia sido treinado. Este é um dos retratos do século XX, em relação ao qual um limite é transgredido aparecendo uma diferença qualitativa. Uma barbárie especificamente moderna, do ponto de vista de seu etos, de sua ideologia, de seus meios, de sua estrutura.

Sobre o que Löwy escreveu a sobrevivente francesa não tinha ideia naqueles idos de 1940. Pode-se definir como propriamente moderna a barbárie que apresenta as seguintes características, de acordo com Löwy¹⁶ (2009): 1. A utilização de meios técnicos modernos. Industrialização do homicídio. Exterminação em massa graças às tecnologias científicas de ponta. 2. A impessoalidade do massacre. Populações inteiras – homens e mulheres, crianças e idosos – são “eliminados”, com o menor contato pessoal possível entre quem toma a decisão e as vítimas. 3. Uma gestão burocrática, administrativa, eficaz, planejada, “racional” (em termos instrumentais) dos atos bárbaros. 4. A ideologia legitimadora do tipo moderno: “biológica”, “higiênica”, “científica” (e não religiosa ou tradicionalista). 5. Todos os crimes contra a humanidade, genocídios e massacres do século XX não são modernos no mesmo grau: o genocídio dos armênios em 1915, o genocídio levado a cabo pelo Pol Pot no Camboja, aquele dos tutsis em Ruanda etc. associam, cada um de maneira específica, traços modernos e traços arcaicos. O autor menciona ainda os quatro massacres que encarnam de

¹⁶ LÖWY, Michael. Barbárie e modernidade no século 20.

maneira mais acabada a modernidade da barbárie: o genocídio nazista contra os judeus e os ciganos, a bomba atômica em Hiroshima, o Goulag estalinista e a guerra norte-americana no Vietnã. As câmaras de gás nazistas e a morte atômica norte-americana contêm praticamente todos os ingredientes da barbárie tecno-burocrata moderna. Por estas afirmações é que se justifica dizer que a barbárie está ligada ao fundamentalismo ideológico.

O sadismo e o masoquismo, componentes das pulsões de vida e de morte, são forças que seguem em certo equilíbrio para o funcionamento do viver das pessoas. Entretanto, quando o sadismo ou o masoquismo se tornam independentes como forças psíquicas, a descarga destrutiva do elemento sádico cria forças para agir de forma perversa buscando em Eros elementos de energia.

O mal estar na cultura é a insatisfação dos indivíduos de uma comunidade que buscam motivações para sentirem-se melhores. A consciência é uma função do superego que mantém a vigilância sobre o ego, censurando-o e julgando-o. Freud¹⁷ escreveu que “o sentimento de culpa, a severidade do superego, e, portanto, o mesmo que a severidade da consciência” (Freud, 1930/1974, p. 160). Desta forma Freud¹⁸ reconhece que o ego masoquista forma uma ligação erótica com o superego sádico, uma parte da pulsão voltada para a destruição interna.

Em recente reunião científica o palestrante afirmava que as Neurociências não têm Filosofia do sujeito. É a Medicina que estuda o cérebro, é um conjunto de ciências que estuda como funciona o sistema nervoso dentro de critérios estabelecidos como normal. Entretanto, há pensamento filosófico nas neurociências. A psicanalista Elizabeth Roudinesco fala em um programa gravado na GNT, ao ser perguntado sobre o que pensava sobre as críticas em relação à Psicanálise, considerando as Neurociências. Roudinesco responde que são criadas ideologias de oposição, e é por este viés que se fundamentam as críticas.

Ao relacionar a cultura com as atividades humanas, Michel Henry¹⁹ (2012) discorre sobre seu pensamento que as mais toscas formas de atividade e organização social são modos de cultura e tem em sua essência uma organização com leis que tornam possíveis a existência e sobrevivência do grupo. Ao referir sobre a relação da ciência como sendo uma

¹⁷ FREUD, S, 1930/1974, p. 81-178.

¹⁸ FREUD, S, 1930/1974, p. 81-178.

¹⁹ HENRY, 2012, p. 119-147.

barbárie, o filósofo entende que a ciência se move inteira e exclusivamente no interior da relação com o mundo e, portanto, com seus objetos. O mundo é apenas exterioridade e coisas com um surgimento a cada momento de novas faces sem perceber ou se importar com aquilo que o ser humano é.

Enquanto filósofo da Fenomenologia da Vida, acredita que a cultura repousa sobre o saber da própria vida que consiste no autoconhecimento das potencialidades subjetivas. A cultura, para o filósofo, é o desenvolvimento dos saberes da própria vida. É interessante assinalar que para o autor, a arte, a ética e a religião são relativas a essência da vida humana e fazem parte de sua raiz. A barbárie afeta o ser humano, pois destrói sua dimensão ética, estética e religiosa.

A crítica mais contundente que Michel Henry²⁰ faz em relação às ciências é que o ser humano não é reconhecido em seu saber essencial, o saber não é mais próprio do homem, este perdeu a essência de seu “savoir-faire”. Desde a vida primitiva na terra, mantendo-se sobre o solo, o exercício de todos seus sentidos, sua subjetividade, seu comportamento erótico e etc. como realizações de vida de autorrealização e de construção de cultura, o homem construiu a partir de si. A constatação é que na atualidade o homem tem sido regulado pela ciência e não pelo saber próprio de ser humano.

Desta forma entende-se que sendo a pulsão de morte da ordem da destrutividade, resulta em ações humanas praticadas, exercidas com fins destrutivos de si e de outro semelhante. A barbárie é a sistematização, programação e idealização do cumprimento através de atos destrutivos de ideias, movimentos, ou qualquer coisa que possa ser diferente. Atos de barbárie objetiva aniquilar aquele que pensa e age diferente ou que se diferencia culturalmente. A ciência surgiu pela necessidade do ser humano. O que se constata é quando a ciência utilizada para fins destrutivos denota o uso perverso daqueles que não suportam o diferente. A barbárie é contrária ao viver e preservar.

Referências

FREUD, S. O Mal - Estar na Civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1930/1974. Vol. 21, p.81-178.

²⁰ HENRY, 2012, p.147-174

_____. O Estranho. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1976. Vol. 17, p.237-314.

_____. Além do Princípio do Prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1920/1976. Vol. 18, p.17-90. (trabalho original publicado em 1920)

HENRY, Michel. *A Barbárie*. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.

LIMA, Raymundo de. É 'barbárie', 'genocídio', 'holocausto', ou "massacre"? (60 depois de Auschwitz é preciso fazer mais do que distinguir conceitos). *Revista Espaço Acadêmico*. Nº 45, fev. 2005. ano IV. ISSN – 1519.6186. Disponível em:

www.espacoacademico.com.br/045/45lima. Acesso em: 25 abr. 2014.

LÖWY, Michael. *Barbárie e modernidade no século 20*. Disponível em:

<http://laurocampos.org.br/2009/10/barbarie-e-modernidade-no-seculo-20/> publicado em 03 set 2012. Acesso em: 25 abr. 2014.